

SÃO JERÔNIMO, O
TRADUTOR DA BÍBLIA

Luis Sucupira

No terceiro quartel do Século IV, chegava à velha cidade capital do mundo romano o mancebo Sinfrônio Aurélio Jerônimo, ali enviado por seu pai a fim de completar seus estudos de Gramática, Dialética, Retórica e Filosofia, na então célebre escola de Élio Donato.

Vinha ele de Strido, onde nascera e se criara e onde vivera até os vinte anos, que acabara de completar. Sabe-se, pela tradição, que Strido ficava situada nas fronteiras da Dalmácia com a Panônia, hoje denominada Hungria. Mas, destruída pelas constantes invasões dos bárbaros, dela não resta vestígio algum em nossos dias. Há quem afirme ter-se erigido no mesmo lugar a cidade iugoslava de Grasovo Palje.

Aliás, muito obscura é a fase da infância e da adolescência de Jerônimo. De seu pai conhecemos tão-só o primeiro nome, Eusébio. Em torno de sua mãe a ignorância é absoluta. Quanto à irmandade, temos notícia de Pauliniano, nascido muito após Jerônimo, quando ele já se encontrava nas suas atividades monacais na Síria, além de uma irmã, tão desconhecida como sua genitora.

Penetrando as portas da cabeça do grande Império, cujos alicerces já não possuíam a segurança nem a solidez que tanto assombraram o mundo, e cujo fim próximo não ultrapassaria de cinquenta anos mais, nunca poderia Jerônimo supor que estava dando os primeiros passos para a conquista de uma glória, que não seria só deste mundo.

Com a mente povoada de ilusões, ansioso por adquirir os conhecimentos que lhe poderiam dar fama e renome, o jovem Sinfrônio Aurélio Jerônimo entregou-se de corpo e alma

aos estudos, sem no entanto esquecer outro motivo da sua vinda a Roma. É que seu pai, bom cristão, desejoso de ver bem formada no filho não somente a inteligência mas igualmente a alma, mandou matriculá-lo numa das muitas escolas de catecumenato, a fim de poder o rapaz, depois de instruído suficientemente na doutrina cristã, receber o santo batismo. Disposto a penetrar no conhecimento das verdades da Fé. Jerônimo apurou-se igualmente na aquisição de profundo espírito religioso, freqüentando assiduamente as aulas, visitando as catacumbas e os túmulos dos mártires e retirando da vida de cada um deles os melhores incentivos para o seu aperfeiçoamento espiritual.

A atração da grande metrópole, em pleno desregramento dos costumes, não podia deixar de manifestar-se sobre o ardente coração do mancebo dalmático, e chegou ele a fazer certas concessões aos caminhos tortuosos dos prazeres fáceis. Mas arrepiou carreira muito em tempo. E, embora não houvesse penetrado fundamente no pantanal da degradação, nem por isso deixou de, pelo resto da vida, que ainda duraria sessenta anos, manifestar remorsos e chorar arrependimento pelo que então sucedera.

Dedicando-se mais afincadamente aos estudos, empregava todas as horas do dia no convívio com os grandes clássicos e filósofos gregos e com os mais altos luminares da cultura latina, como Virgílio, Terêncio e outros. Sempre ansioso de aperfeiçoamento intelectual, e vendo que Roma não lhe podia mais saciar a grande sede de saber, uma vez que já esgotara para ele todos os cabedais de que era detentora, resolveu Jerônimo empreender longa viagem pelo resto do mundo europeu, a fim de privar com os sábios que nele viviam e freqüentar as bibliotecas nele existentes.

Dirigiu-se primeiro às Gálias, demorou em Treves, cidade fundada no ano 15 por Augusto, na Germânia, e já grandemente celebrada. Dirigiu-se ainda a Mogúncia, Strasburgo, Reims, Amiens, Lião, Nantes, Tolosa e muitas outras, até esgotar a sua capacidade de virar mundo, adquirindo os mais variados conhecimentos sobre todos os assuntos.

Foi em Treves que se decidiu a servir a Deus sem medidas. Segundo alguns dos seus biógrafos, ao tomar essa decisão já era ele cristão; acham outros, porém, que foi somente ao regressar de sua longa peregrinação de cinco anos por ter-

ras estranhas, que, de novo em Roma, no ano de 365, recebeu o batismo das mãos do Papa Libério.

Depois desse ato fundamental para a sua nova existência de homem de Deus, procurou lugar solitário a fim de entregar-se com mais ardor ao estudo e à meditação das coisas divinas. Dirigiu-se, então, a Aquiléia, nas margens do Adriático, cidade que Átila destruiu em 452 e cujos remanescentes humanos, fugindo ao invasor, fundaram a atual cidade de Veneza.

Ali iniciou a sua vida ascética num mosteiro que acabava de fundar-se. Mas, não satisfeito, desejando elevar-se mais ainda, na escalada para a perfeição religiosa, embrenhou-se de Síria adentro, e, na região dos agarenos, em plena Cálcedica, inóspita e deserta, assentou, no meio de animais selvagens perigosos, a sua tenda de cenobita, mergulhando na oração e na leitura, num desejo cada vez maior de aproximar-se de Deus.

Numa espécie de visão, por ele narrada na sua epístola XXII, verificou não ser possível conciliar o seu trabalho de penitência com os deleites que ofereciam as obras pagãs de Cícero e de Plauto. Como ele mesmo declara, vigiava e chorava os pecados, mas não deixava de ler Plauto, e, se lançava os olhos para as obras dos Profetas, sentia tristeza ante o seu estilo baixo e insulso.

Prometeu, de então por diante, entregar-se inteiramente à leitura das Sagradas Escrituras e, para nelas mais aprofundar-se e sentir-lhes com vigor a inspiração divina, decidiu aprender o hebraico. Tomou por mestre velho sábio judeu convertido, que não só conhecia profundamente sua língua, como falava e escrevia o latim com pureza e graça extraordinárias.

Confessa Jerônimo que sofreu muitíssimo para dominar tão difícil idioma, máxime quando tinha que aprendê-lo depois de ter conhecido e gozado as sutilezas de Quintiliano, a eloquência de Cícero e a doçura de Plínio. Na sua epístola 125 afirma textualmente: "Quanta fadiga isso me custou; quantas dificuldades enfrentei; quantos desânimos precisei dominar; quantas vezes abandonei o trabalho para retomá-lo em seguida, estimulado pela minha paixão de saber".

Um perfunctório exame da língua hebraica, já em nossos dias, quando os trabalhos glotológicos assumiram feição quase perfeita, mostra quão difícil é a sua compreensão. Ava-

lie-se o que não ocorria naqueles recuados tempos, quando so o latim era língua nobre e quando o próprio grego, embora cultivado em larga escala, funcionava tão-só como língua literária?

São Jerônimo, na sua ânsia de apoderar-se dos enigmas daquele idioma, realmente bárbaro, tinha que decifrar quase sozinho os segredos intrincados e difícilimos dos textos, que se apresentavam quase impérvios.

Além disso não estava ele diante de simples composição escrita de um mesmo escritor, vivendo numa determinada época e adotando uma língua já perfeitamente fixada.

Os originais que lhe caíam às mãos constituíam um compósito de idiomas, embora da mesma raiz, porém resultado de sucessivas modificações lingüísticas, donde ser necessário penetrar nos meandros dessa variada composição idiomática, a fim de apossar-se fielmente do sentido das palavras empregadas.

O hebreu da Bíblia é, nela, denominado de língua judia ou língua de Canaã. O termo Canaã abrange, porém, o canaã antigo, o fenício, o moabita e o hebreu propriamente dito, que foi fixado nas Sagradas Letras.

A língua hebraica é sobretudo consonantal, sendo as idéias fundamentais representadas por três consoantes agrupadas, servindo as vogais, aliás desconhecidas no alfabeto clássico, para precisar os matizes da palavra e a sua decomposição. Seu vocabulário paupérrimo, não passando de quinhentas as raízes primitivas, ignora ainda os termos que exprimem idéias abstratas e sentimentos. Os objetos materiais são apresentados por meio de palavras que se multiplicam em sinonímias abstrusas, como, por exemplo, a palavra leão, que se desdobra sob sete nomes diversos, de acordo com a idade do animal, e o vocábulo chuva, que tem doze variações, segundo a forma como se apresenta. É uma língua sem adjetivo, donde ter-se que recorrer a perífrases para aplicá-los. E, daí, "casa de santidade" para significar uma "casa santa" ou "posse de perpetuidade" querendo dizer posse perpétua. O comparativo e o superlativo recorrem a processos semelhantes, como "doce acima do mel" para significar "doce como mel" e "cântico dos cânticos" querendo dizer o "canto mais perfeito". Nos verbos só aparecem, realmente, dois tempos: o Perfeito, que indica o término de uma ação, e o Imperfeito, que representa o estado inacabado.

Hoje, com os trabalhos de Kautsch, Touzard, Joüan, essas dificuldades não se apresentam intransponíveis. Mas, diante de Jerônimo, sozinho no deserto, longe dos homens e das bibliotecas, cada palavra era um novo trabalho, e cada frase um verdadeiro labirinto.

Além disso havia o gigantesco obstáculo da ausência de sinais vocálicos, que, com o tempo, se foram impondo, e cujo desconhecimento deixava perplexo o mais atilado leitor. Isso porque o mesmo radical poderia oferecer leitura variadíssima, segundo as vogais adicionadas às consoantes e quando estas permitiam confusão, o que era comum. Assim, o fonema **discurso** significa também **falar, ele fala, peste, pastagem, santuário**. Os escritores modernos inventaram os chamados **pontos vogais**, colocados em cima, abaixo ou dentro das consoantes, permitindo vocalizar de maneira menos confusa, e representando com mais fidelidade, o pensamento do escritor.

De certo, por causa de tamanhos empecilhos, o Papa Clemente VIII declarou que São Jerônimo foi assistido e inspirado do Céu para traduzir as Santas Escrituras.

Deixando a vida eremita por algum tempo, dirigiu-se Jerônimo para Atenas, indo em seguida até Antioquia, onde procurou aprofundar-se mais ainda no estudo dos Livros Sagrados, com Apolinário de Laodicéia, desprezando, porém, a sua doutrina contenciosa, que mais tarde o levaria à condenação como herege.

Aconselhado pelo Papa Dámaso, aderiu a Paulino, um dos três chefes religiosos antioquianos, cuja comunidade se dividiu entre o ariano Vital, Melécio e Paulino, católicos. Foi das mãos deste Bispo que recebeu Jerônimo o sacramento da Ordem, mas pediu permissão para não ocupar-se de nenhuma igreja, pois era seu intento voltar ao monaquismo. Tinha ele, então, os seus trinta anos e seu nome já era citado pelos quatro cantos da Cristandade. Tanto assim que, ao procurar São Gregório de Nazianzo, em Constantinopla, a quem chamava, numa das suas epístolas "magister meus", a fim de mais aperfeiçoar-se na interpretação das Escrituras, recebe do ilustre Prelado o tratamento não de discípulo porém de amigo e colega.

Convocado a Roma pelo Papa São Dámaso, deslumbra Jerônimo a Cidade Eterna com os seus amplíssimos conhecimentos das Sagradas Letras. Todos os interessados no assunto procuram consultá-lo, pedir-lhe a opinião sobre determina-

das passagens e a inteligência de intrincados textos. Impressionou ele de tal maneira o Sumo Pontífice, que o reteve este em Roma como seu Secretário, correndo mesmo a notícia de que seria certamente o sucessor de Dámaso, na Cadeira de Pedro. Por sua intervenção, determinou o Papa que se cantasse o Aleluia, a exemplo do que praticava a igreja de Jerusalém, e que se acrescentasse o "Glória Patri" ao fim de cada Salmo, como sucedia na igreja de Antioquia.

Embora já tivesse escrito alguns Comentários sobre os Livros Santos, foi a partir de 380 que principiou a lançar os alicerces da sua grande obra: a tradução de todo o texto bíblico para o latim.

Permaneceu em Roma até o ano de 386, um biênio após a morte de São Dámaso, seu grande protetor e amigo.

São Jerônimo era um asceta mas também era um homem de ação. Na capital do Cristianismo, ainda enlameada pelos salpicos repelentes dos vícios desencadeados pelo paganismo perversor, os costumes cristãos iam aos poucos perdendo aquela austeridade que tanto enaltecera os primeiros discípulos romanos de Jesus. Assim, enquanto por um lado meditava e orava, fundava mosteiros e convertia hereges, por outro, o ardoroso batalhador enfrentava os relaxamentos e desvios dos patrícios que procuravam praticar uma fé acomodatória e liberal. O próprio Clero aderiu a essas facilidades dos tempos novos, tanto assim que, para muitos dos sacerdotes, segundo depoimento do próprio São Jerônimo, "a única preocupação era andar bem vestidos e perfumados, mais parecendo noivos que clérigos. E, continuando sua crítica veemente, adianta Jerônimo: "Descrerei rapidamente um deles, mestre na arte, para que reconheças os discípulos com maior facilidade. Levanta-se com o sol, faz uma lista das visitas, estuda o itinerário. Se vê uma toalha, uma almofada ou qualquer peça de mobiliário, louva-a e admira-a, apalpa-a; e queixando-se de precisar da mesma, mais a extorque do que a ganha. Não ama a castidade nem o jejum, mas sabe conhecer, só pelo cheiro, os bons jantares, a que chama de "santos ágapes". A par dessas acusações, não dispensa, ele, também, os pseudo-ascetas, que fazem consistir a santidade em cabelos crescidos, na imundície das vestes e na vida errante e ociosa.

Daí ter-se desencadeado contra ele, mal fecha Dámaso os olhos, uma verdadeira perseguição caluniosa. Segundo suas

palavras, chamam-no de infame, enganador, mentiroso, mágico. E quem assim procede, explica, são muitos daqueles que lhe vinham beijar as mãos, enquanto lhe rasgavam a reputação da maneira mais impiedosa.

Resolve, então, regressar a Antioquia, dali dirigindo-se para Belém. Escolheu para eremitério um local distante uns dez quilômetros de Jerusalém. Lá foi encontrá-lo Sulpício Severo, que, desse encontro, dá notícia nos seus Diálogos com as seguintes palavras: Jerônimo está sempre engolfado no estudo e nos livros, não querendo descansar nem de dia nem de noite, sempre ocupado em ler e escrever”.

Estava o santo inteiramente entregue ao trabalho que lhe ia dar mais nome e mais glória do que todos os seus ascetismos, todas as suas austeridades, todos os seus comentários sobre as Escrituras, todo o saber incomparável que adquirira: a tradução integral da Bíblia.

Os mais autorizados comentadores não deixam de ver especial manifestação da Providência na escolha de Jerônimo para esse trabalho gigantesco, tão desejado pela Igreja de então e importantíssimo para o Cristianismo de todos os tempos.

Dá encontrar-se no santo uma inclinação ardente para aprender as línguas orientais, como o grego, o siríaco e o hebraico. Depois, o anseio pelas viagens através de todo o mundo civilizado do seu tempo, a fim de privar com os espíritos mais cultos, versados nas Sagradas Escrituras, com eles aprendendo o segredo da sua exegese. Por outro lado, a coragem infatigável para copiar todos os livros que lhe facilitassem a empresa a que se entregou de corpo e alma. E, por fim, apesar dos convites dos grandes centros de cultura cristã da época, inclusive do próprio Papa, a atração pela vida silenciosa e penitente dos desertos, que imprimiu em sua alma uma profundíssima humildade, um generoso desprezo pelas riquezas e pompas da terra, que só poderiam distraí-lo.

E foi assim que Jerônimo, dominando todas as ciências do seu tempo, penetrando na inteligência da língua hebraica, fortificado pelo espírito divino e animado pelo zelo, glória e bem da Igreja, lançou-se à mais bela, à mais santa, à mais grandiosa de todas as empresas já levadas a efeito na história da humanidade.

Seu trabalho não foi uma simples versão, com a translação para o latim do precioso texto original. Primeiro, leu e releu, comparou, explicou as passagens principais mais difíceis. Depois colocou-se diante do que já haviam traduzido outros doutores e exegetas. E somente após um esforço árduo e sobre-humano é que entregou à Igreja o resultado de anos e anos de aplicação ininterrupta e cuidadosa.

Quando São Jerônimo tomou a ombros a sobrenatural tarefa, inúmeras versões latinas do Antigo e Novo Testamento corriam pelas igrejas cristãs e eram comentadas a seu modo pelos vários centros religiosos, desde Constatinopla a Roma, desde a Grécia às Gálias. A diversidade e o anonimato dessas versões concorriam para notáveis divergências nos textos. E quando procuravam cingir-se mais fielmente ao original — quase sempre a tradução grega dos Setenta — os escribas também deturpavam os sentidos, porque a frase helênica muitas vezes não tinha correspondência no latim.

Segundo autores de nomeada, foi ainda São Jerônimo quem deu o nome de Bíblia ao conjunto de livros que ele traduziu e compõem as partes protocanônicas das Sagradas Letras.

Os Padres Apostólicos, como Clemente, Barnabé, Papias, Policarpo, falam sempre em Sagradas Escrituras, ou em Escrituras. Aliás, no próprio Evangelho vemos sempre essas mesmas denominações.

A palavra Bíblia é, filologicamente, a forma plural de Biblion, diminutivo de Biblos, livro. Assim, a tradução literal de Bíblia seria Os Livrinhos. Por efeito de uma transposição, o termo agora significa, em todas as línguas do mundo, o Livro por excelência, o mais digno, o mais perfeito, o mais sublime, visto como foi escrito por inspiração do Espírito Santo e tem Deus como autor.

Quanto à palavra Testamento, empregada para dividir as Sagradas Escrituras, em duas partes, com a denominação de Velho e Novo Testamento, a explicação assim se apresenta:

Os judeus davam às suas relações com Deus o nome de Berith, isto é, Aliança. Como os termos dessa aliança ficavam nas Letras Sagradas, passaram estas, por extensão, a receber também a denominação de Aliança.

Na tradição dos Setenta, feita do hebraico para o grego, no Egito, 240 anos antes de Cristo, a palavra Berith tomou

o significado de Disposição, Diatheke. Nas versões latinas, inclusive a de São Jerônimo, foi preferida a palavra Testamento (Testamentum), isto é, disposições de moribundo. Segundo D. Estêvão Bittencourt, a razão dessa última versão é que a definitiva Aliança — Disposição de Deus com os homens — verificou-se na morte de Cristo, como se fosse uma disposição testamentária de Deus feito homem. Daí falar-se num Novo Testamento, em relação às Escrituras da Aliança antiga, que, por transposição, passaram a ser chamadas Antigo Testamento.

Foi pelo Novo Testamento que, em 383, começou São Jerônimo a versão das Sagradas Escrituras. Quase todo ele escrito em grego, não oferecia as supremas dificuldades encontradas no Velho Testamento. Para este, aproveitou não só os seus vastos conhecimentos do hebreu e do grego, como as traduções mais ou menos legítimas e autorizadas, em grego e latim já existentes. Valeu-se muitíssimo das Hexaplas, de Orígenes, obra gigantesca, e, que, na opinião de Freppel “é a maior obra de paciência jamais empreendida pelo homem”. Nesse trabalho, verdadeiramente admirável, o autor dispõe em seis colunas, começando pelo texto hebreu, as mais célebres traduções gregas até o momento conhecidas, como a de Aquila, Simaco, Theodotion e dos Setenta, juntando a de sua própria autoria. Infelizmente as Hexaplas foram devoradas por um incêndio na biblioteca de Cesaréia, no ano 66, quando da invasão dos persas, sob o comando de Cosroés.

Delas nos restaram apenas alguns fragmentos, podendo-se ter uma idéia do que representavam ao saber-se que abrangiam 50 volumes no maior formato dos pergaminhos do tempo. As Hexaplas não eram propriamente uma tradução, mas uma sinopse valiosíssima, que permitiam os mais percucientes estudos críticos do Antigo Testamento.

Para que seu trabalho de tradutor fosse o mais perfeito possível, São Jerônimo fez duas versões latinas das Sagradas Letras: uma calcada nos Setenta, isto é, no grego, outra no hebreu. Quanto aos Salmos, não só procedeu da mesma forma, como ainda corrigiu duas vezes a velha edição latina, já adotada nas igrejas, e que houvera sido transladada da versão grega comum e vulgar. Desse trabalho resultou o chamado SALTÉRIO ROMANO, introduzido posteriormente no Breviário Romano.

Na Organização do Novo Testamento, a ordem seguida quanto aos Evangelhos, entre os latinos, era a seguinte: Mateus, João, Lucas e Marcos. Depois de São Jerônimo universalizou-se o costume adotado nos gregos e por ele também aceito: Mateus, Marcos, Lucas e João.

O método seguido pelo santo doutor na sua tradução foi antes o de integral fidelidade ao sentido do texto original hebreu do que aos termos empregados para manifestá-lo. Estabeleceu como regra da sua tarefa magistral "non interpretari nisi quod ante intellexeram" (nada interpretar sem antes entender). E com essa disposição procurou sempre explicitar o sentido, tendo em vista os leitores com a necessidade de adições, o que permitia uma clareza indisfarçável. Mas, como escritor castiço, homem versado nos mais profundos e belos segredos do aticismo, não deixou de aplicar uma só das leis latinas da linguagem, embora fosse necessário fazer algumas concessões à versão livre, em favor das regras estilísticas, nem seria preciso isso acrescentar, sem sacrifício à fidelidade do pensamento original.

Fiel, clara, elegante, a tradução jeronimiana das Sagradas Letras foi imediatamente aceita pela Igreja como texto latino da Bíblia e declarada, mais tarde, autêntica pelo Concílio de Trento, sendo também conhecida pelo nome de "Vulgata Latina".

Alguns apreciadores dessa monumental obra de um só homem não lhe negam pureza, simplicidade e clareza de estilo, mas apontam-lhe alguma *secura* na explanação. Mas tal *secura* foi mesmo querida pelo ínclito e inspirado tradutor, pois entendia ele que a dignidade dos divinos oráculos se bastava a si mesma. Para que enfeitar e encher de arabescos a palavra de Deus, manifestada aos seus escribas sem ouropéis ou lantejoulas?

Se São Jerônimo não inseriu na frase sagrada doçura e meiguice, não foi por lhe faltar o sentido do labor e a capacidade de burilar as palavras. Tanto assim que nas suas outras obras, como Apologias, Comentários, sobretudo suas admiráveis cartas, o santo se apresenta senhor da mais fina polidez e da mais sutil elegância no frasear. Aí desenvolve ele as idéias através de expressões nobres e castiças, apresentando-as envolvidas em sutilezas de estilo e de lógica as mais surpreendentes. Tem-se a impressão, ao ler os seus trabalhos, que ele não somente cultivou em excesso os grandes clássicos

mas também fazia questão de ser um deles. Muitos dos seus admiradores de hoje comparam suas composições a uma obra de tela tão bem acabada que, apesar das diversidades de peças, são pelo artista acomodadas de tal modo que parecem feitas uma para a outra.

Fenelon mostrou-se pouco reservado com o estilo de Jerônimo, achando, principalmente nos seus discursos, estar ele um pouco fora dos moldes clássicos. Isso, porém, não o impediu de preferi-lo, por causa da sua eloquência, aos grandes oradores antigos.

Como era de esperar, dada a repercussão universal que teve logo depois de conhecida a tradução jeronimiana das Sagradas Letras, surgiram os críticos à obra e os apodos ao homem.

Entre aqueles figurou, em primeiro lugar, Rufino, um dos seus rancorosos adversários, depois de ter passado como seu amigo dos mais dedicados. O motivo do rompimento entre ambos havia sido o fato de Rufino ter abraçado as heresias de Orígenes. São Jerônimo, cujo amor à verdade e cujo ardor em defendê-la eram de todos conhecidos, dispôs-se a refutar o heresiarca, destruindo, com a sua sabedoria, com a sua eloquência e com a sua autoridade, os erros espalhados pelo seu ex-amigo, e tanto mais perigosamente espalhados, quando o seu autor os entrelaçava com grandes elogios ao santo doutor.

Logo que foi publicada a tradução das Escrituras devida à pena de Jerônimo, Rufino apressou-se em condená-la, taxando-a de heresia e de traição à Igreja. Trabalho inteiramente perdido, máxime partindo as acusações de onde partiam.

Outro dos que apresentaram objeções à grande obra foi Santo Agostinho, com quem São Jerônimo, depois de 393, passara a manter correspondência, graças a Alípio, discípulo do futuro Bispo de Hipona.

Agostinho, jubiloso com a oportunidade de privar com o grande luzeiro da Igreja, não deixou de fazer-lhe várias consultas, mesmo depois de atingir o Episcopado, manifestando sua alegria por encontrar esse "mar de erudição", como dizia. Foi numa das suas cartas que ele externou suas críticas à versão do Antigo Testamento. E isso porque os cristãos da África já estavam acostumados com a tradução dos Setenta, muito diferente da de Jerônimo.

Respondendo ao magistral filósofo, diz São Jerônimo que nos Setenta havia muitas omissões e nas traduções dos judeus eram encontradas perigosas alterações do original.

Expondo suas dúvidas, escrevia Agostinho que o texto hebreu é claro e os antecessores de Jerônimo não podiam enganar-se, ou é obscuro e Jerônimo também podia enganar-se como eles. Ao que respondeu o santo: "Ou os antigos comentadores das Sagradas Escrituras expuseram passagens claras ou aplicaram sua sagacidade sobre passagens obscuras. Se defrontaram passagens obscuras, como podes ousar comentar o que eles não puderam explicar? Se, ao contrário, as passagens eram manifestas, será inútil queres descobrir o que não lhes escapou".

A prova de que Jerônimo convenceu Agostinho é que não somente continuou o Bispo de Hipona a consultá-lo e a pedir-lhe a opinião sobre as obras que ia escrevendo, como passou a citar nessas obras, com os maiores elogios, a versão jeronimiana das Escrituras.

Depois da morte do admirável doutor, ocorrida em 420, o valor da sua tradução dia a dia cresceu de vulto. No V Século a Espanha e a Gália abraçaram-na com entusiasmo. No VI Século, São Gregório Magno adota-lhe o texto nos comentários sobre os Evangelhos, Jó e Ezequiel. Nos Sínodos de Tours, em 587, e de Sevilha, em 590, é ela a única citada. Segundo Santo Isidoro de Sevilha, a partir do Século VII todas as igrejas a adotam oficialmente. No Concílio de Latrão, em 649, as consultas procuravam respostas na Bíblia de São Jerônimo. No fim do Século VIII, o venerável Beda, da Inglaterra, chama-lhe "nossa edição". No Século IX, Strabão afirma que "agora, por toda parte, a Igreja romana se serve dela". É cumpre destacar que essa divulgação, essa irradiação, essa aceitação não decorriam de nenhum mandamento eclesiástico. Fazia-se por si mesma, como inspirada do alto.

Até então a versão dos Setenta era conhecida pelo nome de "Édito Vulgata", edição vulgar ou "Vulgata". Convinha, pois, com a natural prodigiosa expansão da obra de São Jerônimo dar-lhe esse mesmo título. Segundo alguns historiadores, isso passou a verificar-se a partir do Século XII, enquanto outros afirmam que tal somente ocorreu depois do Século XVI.

Enfim, o Concílio de Trento, na sua quarta sessão, realizada em 8 de abril de 1546, determinou fosse a versão jero-

limiana das Sagradas Escrituras, ou seja a Vulgata, admitida como texto oficial da Igreja, conforme as seguintes palavras: "Statuit et declarat, ut haec ipsa vetus et vulgata editio quae longo toto saeculorum usu in ipsa Ecclesia probata est, in publicis lationibus, disputationibus, praedicationibus et expositionibus pro authentica habeatur".

No décimo-quinto centenário da morte de São Jerônimo, em 1920, o Santo Padre Bento XV, depois de citar Leão XIII e Pio X, que apontaram o ilustre tradutor da Bíblia como "espírito plenamente impregnado do senso católico", "mestre dos católicos" e "modelo de virtude e luz do mundo inteiro", conclui afirmando que ele continua ainda falando para o nosso tempo, mostrando aos filhos da Igreja a necessidade de voltarem a uma vida digna do nome de cristão e de se preservarem do contágio dos costumes pagãos que a nossa época parece haver quase inteiramente restabelecido.

Como Laselves, podemos dizer que São Jerônimo foi um sol, foi um anjo e foi um prodígio: Um sol, porque destruiu as heresias com o clarão dos seus conhecimentos, converteu os mundanos e descortinou aos perfeitos novos horizontes; foi um anjo, quando, sozinho, no deserto, pela sua pureza, pela sua mortificação, pelo seu espírito de oração; e foi exemplo máximo, um prodígio da Igreja pelos seus livros e pelas virtudes.

Diz a própria Igreja, na oração da missa do dia 30 de setembro, dedicada a São Jerônimo, que ele foi o "doutor máximo na exposição das Sagradas Escrituras": "*doctorem maximum in exponendis sacris scripturis*".

E se ele as expôs, as explicou e as traduziu com tantas canseiras, fadigas e sofrimentos não foi para que elas ficassem sepultadas nos in-fólios das edições preciosas, que se guardam como tesouros intocáveis. Foi, sim, como diz Pio XII na encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de 30 de setembro de 1943, para que se compreenda cada dia mais perfeitamente, e ardentemente se ame a palavra de Deus, e surja espontânea a convicção de que os fiéis e particularmente os sacerdotes têm o grave dever de aproveitar larga e santamente aquele tesouro acumulado durante séculos pelos maiores talentos.

Como disse São Paulo: "*Justus ex fide. Fides ex auditus*" quantas vezes queremos colocar a luz debaixo do alqueire com o pretexto de que a luz, que veio para a contradição, fará surgir as sombras? Quantas vezes receamos abrir a Bíblia ao

povo, e fazermos **edições expurgadas** dos livros sacros, ou os substituímos de boa vontade, por uma literatura inócua e vazia? Quantas vezes o medo de abalar a fé nos fiéis não mantém os fiéis numa ignorância confessada, esquecidos de que "os mistérios revelados por Deus não podem ser prejudiciais ao homem... mas foram dados para proveito espiritual dos que piamente os contemplam", como lembrou Pio XII, a respeito do Corpo Místico?

Com a Bíblia nas mãos devemos dizer como Santo Agostinho: "Sejam as minhas castas delícias as tuas Escrituras, nem seja eu por elas enganado nem por elas engane... Dá lugar às nossas meditações sobre os mistérios da tua Lei, e não a feches àqueles que batem; pois não foi em vão que quisesse fossem escritos os densos segredos das tuas páginas. Ó Senhor aperfeiçoa-me e manifesta as tuas selvas. Não abandones os teus dons, nem desprezes a tua erva que tem sede. Louve-te eu por tudo que encontrar nos teus livros, e ouça a voz do louvor a Ti, e considere as maravilhas da tua Lei, desde o princípio, no qual fizeste o céu e a terra, até o reino perpétuo da tua Cidade Santa!"